

O Tio Vânia

Konstantin Stanislavski*

Depois do sucesso de *A Gaivota*, todos os teatros da Rússia desejavam levar ao palco a obra de Tchékhov e iniciaram negociações com o autor para a produção da sua outra peça, *O Tio Vânia*. Representantes de diversos teatros visitaram-no em sua casa, e Anton Pávlovitch tratou dos seus negócios com eles à porta fechada. Isto confundiu-nos, já que também desejávamos produzir *O Tio Vânia*. Um dia, porém, Tchékhov regressou a casa furioso e excitado. Aparentemente, um dos administradores de um teatro ao qual tinha prometido a sua peça e com quem se vira obrigado a conduzir negociações, insultara involuntariamente o famoso escritor. Possivelmente confuso pela presença no seu gabinete de uma personalidade mundialmente famosa e sem saber o que dizer, na sua confusão, o homem perguntara a Anton Pávlovitch:

– E o que faz actualmente?

Tchékhov, muito surpreendido, respondeu-lhe:

– Escrevo contos e novelas, e por vezes peças de teatro.

Não sei o que aconteceu depois disso, mas, no fim da entrevista, entregaram a Tchékhov um relatório da Comissão de Repertório do teatro, no qual se liam muitas palavras lisonjeiras sobre a peça dele, que era aceite para produção no teatro, com uma condição, porém – que o autor alterasse o final do terceiro acto, no qual o indignado tio Vânia alveja o Professor Serebriakov.

“É impensável”, lia-se no relatório, “que um homem ilustrado e culto como o tio Vânia pudesse alvejar no palco uma pessoa diplomada, ou seja, o Professor Serebriakov”.

Tchékhov enrubescou de indignação perante o disparate do relatório e ao citar a frase acima referida, que mais tarde se tornaria histórica, explodiu de imediato numa prolongada e jovial gargalhada. Só Tchékhov conseguia desatar a rir em momentos em que o riso era a última coisa que se esperaria dele.

Sentimo-nos secretamente exultantes, pois acreditávamos que o incidente nos conferia uma clara vantagem e que o destino de *O Tio Vânia* fora decidido a nosso favor. E, de facto, a peça acabou por nos ser dada, para grande satisfação do próprio Anton Pávlovitch. Começámos a trabalhar imediatamente. Antes de mais, tínhamos de aproveitar a presença de Anton Pávlovitch para que nos explicasse o que pretendia como autor da peça. Pode parecer estranho, mas Tchékhov não conseguia falar sobre as suas próprias obras. Sentindo-se como que sob interrogatório judicial, ficava confuso e, para se libertar da embaraçosa situação e das nossas perguntas, recorria à sua habitual afirmação:

– Escutem, está tudo escrito; está tudo na peça.

Ou então dizia-nos: – Escutem, não voltarei a escrever peças. *A Gaivota* não me rendeu mais do que isto...

Tirava do bolso uma moeda de cinco *kopeks*, mostrava-a a todos e soltava uma grande gargalhada. Não conseguíamos conter-nos e riamos com ele, pelo que a nossa conversa perdia por momentos o tom sério e profissional. Contudo, ao fim de algum tempo, voltávamos a fazer-lhe perguntas, até que finalmente, numa frase dita por acaso, Tchékhov oferecia-nos um pensamento interessante ou um traço característico que lançava luz sobre as suas criações. Por exemplo, falávamos sobre o papel do próprio tio Vânia. É um facto aceite que o tio Vânia é um membro da pequena aristocracia rural que administra a propriedade do velho Professor Serebriakov. Assim, a caracterização da personagem não nos suscitava grandes dúvidas. O vestuário e a aparência geral de um cavaleiro da província são conhecidos de toda a gente: botas de cano alto, um boné, por vezes uma chibata, já que é muito provável que ande a cavalo com frequência. Era assim que o imaginávamos. Mas Tchékhov mostrou-se terrivelmente indignado.

– Escutem – disse-nos, muito exaltado. – Está tudo escrito. Não me parece que tenham lido a peça.

Relemos o original, mas não encontrámos qualquer pista, à excepção de algumas palavras a propósito de uma gravata de seda usada pelo tio Vânia.

– Aí está, aí está, preto no branco – disse Tchékhov, tentando persuadir-nos.

– Mas o quê? – perguntámos, espantados. – Uma gravata de seda?

– Obviamente. Escutem, ele usa uma gravata maravilhosa; é um homem elegante e culto. Não é verdade que os membros da nossa aristocracia rural andem por aí de botas besuntadas de alcatrão. São pessoas maravilhosas. Vestem-se bem. Mandam vir a roupa de Paris. Está tudo na peça.

Este pequeno comentário pôs a nu o drama da vida russa contemporânea: o professor medíocre e inútil goza de uma boa vida. Tem uma bela mulher, usufrui de uma reputação académica que não merece, é o ídolo de São Petersburgo; escreve livros eruditos disparatados que a sua sogra, tola como é, lê como se fossem a Bíblia. Nesta vaga de entusiasmo geral, até o próprio tio Vânia cai sob a influência de Serebriakov durante algum tempo, aceitando-o à luz do que se diz sobre ele na cidade, considerando-o um grande homem e trabalhando altruistamente na propriedade do professor de modo a sustentar a sua fama. Mas no final torna-se evidente que Serebriakov é uma nulidade que ocupa uma posição na vida muito superior aos seus méritos, enquanto que o talentoso tio Vânia e o seu amigo Astrov apodrecem na obscuridade da mais

remota província. Perante isto, ficamos com vontade de chamar ao poder os homens verdadeiramente capazes e de derubar dos seus pedestais os medíocres e famosos Serebriakovs. A partir desse momento, o tio Vânia surgiu aos nossos olhos como um tipo de homem culto, cortês, elegante, poético e requintado, quase comparável ao inesquecível e encantador Piotr Ilich Tchaikovski.

Durante a distribuição dos papéis ocorreram muitas coisas interessantes. Sem tomar em consideração o número de actores e o número de papéis na peça, Tchékhev queria que os seus actores preferidos desempenhassem todos os papéis. Caso contrário, ameaçava:

– Escutem, vou rescrever o fim do terceiro acto e reenviar a peça à Comissão de Repertório.

Mas Tchékhev raramente conseguia acabar a frase sem desatar às gargalhadas, contagiando-nos a todos com o seu riso genuíno e infantil.

* “Uncle Vanya”. In *My life in art*. Transl. by J.J. Robbins. London: Methuen, 2001. p. 360-363.
Trad. Rui Pires Cabral.

Publicado em:

O Tio Vânia: [Programa]. Porto: Teatro Nacional São João, 2005. (Cadernos Tchékhev; vol. 1).